



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de  
04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



**ANDREIA SOUZA SILVA**

**A PEDAGOGA QUE NÃO QUERO SER: REFLEXÕES A PARTIR  
DE UM CURSO DE PEDAGOGIA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA**

**Ji-PARANÁ/RO  
2017**

**ANDREIA SOUZA SILVA**

**A PEDAGOGA QUE NÃO QUERO SER: REFLEXÕES A PARTIR  
DE UM CURSO DE PEDAGOGIA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade a distância, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Porto Velho, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), como pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro.

Ji-Paraná/RO  
2017

**A PEDAGOGA QUE NÃO QUERO SER: REFLEXÕES A PARTIR  
DE UM CURSO DE PEDAGOGIA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA**

**ANDREIA SOUZA DA SILVA**

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Machado de Lima  
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

---

Presidente: Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro  
(Orientador)

---

Membro: Prof. Dr. Bento Selau

---

Membro: Prof.<sup>a</sup> Me. Marlene Rodrigues

---

Membro: Prof. Dr. Robson Fonseca Simões

Ji-Paraná/RO  
2017

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>1. COMO TUDO COMEÇOU.....</b>	<b>6</b>
<b>2. BICHO PAPÃO OU ESCOLA?.....</b>	<b>7</b>
<b>3. ENSINO MÉDIO – AÇÃO E REAÇÃO.....</b>	<b>Error! Indicador Não Definido .</b>
<b>4. A ESCOLHA DA PEDAGOGIA.....</b>	<b>Error! Indicador Não Definido .</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>Error! Indicador Não Definido .</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## APRESENTAÇÃO

Sou Andréia Souza da Silva, nasci no dia 29 de março de 1982, na cidade de Ji-Paraná, estado de Rondônia (RO). Sou de uma origem humilde, minha mãe era funcionária pública e meu pai exerceu diversas funções, terminando seus dias como agricultor, ambos residentes na referida cidade.

Minha infância foi feliz, embora meus pais tivessem seus contratempos, sempre foram atenciosos comigo, principalmente minha mãe, que sempre se preocupou com minha formação e desempenho escolar.

Em minha infância, pude contar com deliciosas brincadeiras, onde reuníamos as crianças da rua para brincar de esconde-esconde, bola, queimada, subir em árvores...

Por morarmos muitos anos em um único bairro, a amizade com os colegas de infância – alguns, além de residirem no mesmo bairro, também frequentavam a mesma escola – perdura até hoje.

Atualmente, estou a concluir o curso de Pedagogia, sou casada, tenho uma linda filha e minha mãe, pois meu pai nos deixara há alguns anos.

Minha família, meu porto seguro, sempre me apoiando e incentivando, ajudando a me manter firme em meu propósito, a superar qualquer obstáculo que venha a surgir.

O presente memorial, além da função de ser parte integrante do conteúdo exigido para conclusão do curso de Pedagogia, também terá a função de registrar fatos ocorridos em minha vida escolar e profissional até aqui, oportunizando a análise de minha visão de professor na infância e qual visão pretendo transmitir enquanto professora.

Nesse contexto, estabeleço relações entre as fases mais marcantes no decorrer de meus anos escolares, buscando relacionar teoria e prática vivenciadas por mim.

## 1. QUANDO TUDO COMEÇOU

Ao receber a notícia de que deveríamos redigir um memorial, fiquei surpresa e precisei pesquisar sobre o tema para identificar o que deveria fazer, como iniciar este trabalho.

Foi então que descobri se tratar de um registro de nossas vidas desde a infância aos dias atuais, na qual vamos ter a oportunidade de relatar fatos relevantes de nosso processo educacional, realizando análises entre teoria e prática, o que aprendemos e o que pretendemos nos tornar, ou seja, nos permite descrever nossa trajetória estudantil e profissional de forma crítica e reflexiva. Passeggi (2006, p. 206) destaca que “o objetivo dos memoriais é promover uma atitude reflexiva sobre as experiências profissionais, adquiridas antes e durante a graduação”.

Sendo assim, realizar a escrita desse memorial irá mostrar-me uma nova visão de fatos ocorridos em meu processo educacional, ajudando a compreender estes fatos, analisando-os de forma a identificar suas consequências, o que trouxeram de bom e de ruim. Logo, ao elaborar essa narrativa, pude perceber que, ao escrever o memorial, o mesmo mostrou-se primordial para a compreensão da minha própria formação.

Compreendendo, então, como realizar a escrita desse memorial, iniciei um levantamento de dados onde relatei acontecimentos que ficaram marcados em minha memória ao longo dos anos, busquei registros desses momentos, como fotos, boletins, cadernos e avaliações antigas, porém, não obtive grande sucesso nesta busca. O que não diminuiu o interesse, pois algumas coisas ficam para sempre em nossa memória.

Após esse momento *flashback*, comecei a escrita dessas memórias, inicialmente, até o ensino médio, subdividindo-as em duas etapas correspondentes aos atuais Ensino Fundamental I e II, e o Ensino Médio. Seguindo, então, para memórias mais recentes, referentes ao curso de Graduação. No caso, a Pedagogia, período de grandes mudanças e muito aprendizado.

## 2. BICHO PAPÃO OU ESCOLA?

No ano de 1988, aos seis anos de idade, deu-se início a uma nova fase em minha vida, pois chegara a hora de ingressar na escola. Nesta época, era a idade em que a criança deveria cursar o pré-escolar. Momento difícil, pois nunca havia frequentado ambiente sequer parecido.

Como, naquele momento, residíamos no bairro Nova Brasília, a instituição mais próxima era a escola estadual da rede pública de ensino JK, onde estudei o primeiro semestre daquele ano, iniciando o segundo semestre na escola José Francisco. No ano seguinte, regressei para a escola JK cursando a 1ª série.

Voltando ao início da pré-escola, ao fechar meus olhos, lembro perfeitamente do primeiro dia de aula: uma escola enorme e cheia de pessoas estranhas, porém, a professora era muito atenciosa. No decorrer deste dia, a aula foi bem interessante e tranquila até chegar o término da aula, sentados, aguardando a chegada dos pais. Naquele dia, fiquei desesperada porque meu pai foi o último a chegar. Lembro-me da sensação de alívio quando o avistei no pátio da escola. Não me recordo de atividades referentes a este período, mas este dia ficou marcado.

Ao iniciarmos o ano seguinte, foi socialmente bem mais tranquilo, pois já conhecia algumas crianças e minha prima passou a estudar lá, então, íamos embora juntas.

Quando iniciei a 1ª série, eu sentia uma vontade enorme de aprender a escrever meu nome completo: foi a primeira coisa que pedi para a professora. Como resultado, ganhei três páginas do caderno com meu nome escrito apenas na primeira linha, a qual deveria completar e trazer no dia seguinte. Nosso material didático era a famosa "cartilha", contendo páginas e páginas de famílias silábicas, onde realizávamos cópias e leitura da mesma.

Na década de 80, o sistema educacional brasileiro era adepto à concepção tradicional, onde o foco está no professor que detém o conhecimento e repassa-o ao aluno. Método este presente na maioria das escolas brasileiras até os dias de hoje.

Outro fato marcante no ano de alfabetização eram as famosas tomadas de leitura, quando os professores diziam: *“Vou chamar um por um na minha mesa. Quem não ler*

*vai reprovar*”. Não sei quanto aos demais, mas eu, ao ouvir essa fala, ficava tão nervosa que esquecia até o alfabeto, quanto mais ler palavras. Hoje, percebo que há tantas maneiras de se ouvir uma criança lendo sem exercer sobre ela tamanha pressão.

Em 1990, minha família mudou-se para o primeiro distrito, no bairro Casa Preta. A partir deste ano, passei a estudar no Instituto Estadual de Educação Marechal Rondon, cursando a 2ª série. Lá, permaneci até a conclusão do Ensino Médio. Naquela escola, fiz grandes amigos, aprendi muitas coisas e pude estudar com professoras dedicadas e atenciosas as quais, às vezes, encontro pelas ruas da cidade.

Iniciei a antiga 5ª série no ano de 1993. Um turbilhão de mudanças físicas e educacionais, com um novo quadro de disciplinas e professores, uma nova realidade a ser encarada.

Cada educador tinha suas estratégias: uns mais rígidos, outros mais dinâmicos. Havia, também, aqueles que não se importavam com nada se você fizesse bem, e se não fizesse as atividades, o problema seria só seu.

Ambos usavam a metodologia tradicional, em aulas como Ciências, Matemática, História dentre outras. Passávamos a maioria das aulas copiando extensos questionários, decorando tudo aquilo para se sair bem no dia da prova. Em algumas disciplinas, o professor era tão rígido que não podíamos nem levantar da carteira, passávamos a aula lendo capítulos e mais capítulos do livro, seguidos de mais questionários. Características estas pertinentes à perspectiva tradicional, na qual o papel do indivíduo no processo de aprendizagem é basicamente de passividade. Segundo Mizukami:

Atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está ‘adquirindo’ conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico (MIZUKAMI, 1986, p. 11).

Logo, na escola tradicional, o conhecimento humano possui um caráter cumulativo, e cabe à instituição escolar, através do professor, que é o detentor do conhecimento, transmiti-lo ao aluno através destes modelos de atividades.



Assim concluimos o antigo 1º Grau, atual Ensino Fundamental, com nenhum entusiasmo, pois virou uma rotina de copia, responde e decora.

### 3. ENSINO MÉDIO – AÇÃO E REAÇÃO

Durante o século XX, houve um grande avanço industrial, onde o capitalismo tomou conta da sociedade. Assim, passou a necessitar de pessoas capazes em realizar tal trabalho e que este não afetasse significativamente o bolso dos grandes empreendedores. Neste contexto, a escola passou a ser vista como uma espécie de fábrica humana, local onde seria preparada a mão-de-obra a fim de suprir a necessidade capitalista da época. Diante dessa nova realidade, o ensino médio passou a ofertar cursos técnicos. No caso de nosso município, havia os cursos de Contabilidade, Magistério e Colegial.

Em relação a esta mudança no sistema de ensino, onde as escolas tinham a obrigatoriedade de ofertar cursos técnicos, Aranha afirma que:

Quanto à escola pública, o que se conseguiu, de fato, foi a formação de mão de obra barata, não qualificada; pronta para engrossar o "exército de reserva" trabalhadores disponíveis para empregos de baixa remuneração (ARANHA, 1996, p. 177).

Diante de tais mudanças, nós, os jovens estudantes da época ao ingressar no 2º Grau, deveríamos decidir qual curso técnico gostaríamos de fazer.

Minha casa ficava próxima à escola Marechal Rondon, que ofertava apenas o magistério, e para ir às outras escolas precisaria pegar condução, algo que não cabia no orçamento familiar na época, e por minha mãe também ser professora a qual sempre tive grande admiração, decidi ingressar no curso de Magistério. Embora não tivesse conhecimento naquela época, hoje ao relembrar o motivo no qual fiz esta escolha, seguir os passos de minha mãe, lembro-me de Pierre Bourdieu que defende a concepção de que as representações sociais são influenciadas pelas ideias, valores, crenças e ideologias existentes anteriormente em uma sociedade, e que se fazem presentes na linguagem que utilizamos para nos comunicar, nas religiões e no chamado senso comum que compõem o *habitus* de cada agente, e também as concepções que circulam entre os participantes dos campos sociais, grupos profissionais e classes sociais. Segundo Pierre Bourdieu:

“...as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses associados a ela) e segundo o seu habitus como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição no mundo social”. (Bourdieu, 2004, p. 158)

Sendo assim, as representações sociais indicam a existência de um pensamento social que resultou das experiências, das crenças e das trocas de informações ocorridas na vida cotidiana dos seres humanos. Descrevendo com outras palavras, são construções mentais que surgem de uma necessidade e ajudam a orientar a conduta no dia-a-dia, sendo verdadeiras teorias do senso comum.

Voltando ao magistério, embora o mesmo não nos preparasse para o tão temido vestibular, o que dificultaria a entrada em uma universidade federal. Ali vivi vários conflitos.

Durante grande parte do meu convívio escolar, os professores nos ensinavam utilizando uma metodologia tradicional, sendo assim, deduzíamos exercer tal metodologia com nossos alunos estaria tudo certo, afinal, havíamos passado uma vida lidando com este método.

Entretanto, nas disciplinas específicas, começamos a conhecer outras tendências, maneiras mais lúdicas, dinâmicas que valorizavam e exploravam o conhecimento do aluno, um verdadeiro contraste.

Durante este período de aprendizado, fomos instruídos na confecção de material didático, como jogos, fantoches, recebemos orientações bem específicas de como agir no período de estágio, mas, em meio a tudo isso, embora nos dissessem que deveríamos adotar uma nova estratégia de ensino, a maioria dos nossos professores continuava desenvolvendo metodologias tradicionais conosco.

Um fato que me marcou muito neste período foi uma professora que ministrava aulas de Didática. Não consigo recordar seu nome, mas lembro bem de sua fisionomia: baixinha, gorda, descabelada, semblante sempre fechado, mal-educada, que sentava na cadeira e lia o que estava escrito na apostila. Se algum aluno a questionasse, ou ia para fora “*passar no pátio*”, ou ouvia uma má resposta. Muitos de nós acabamos

desenvolvendo uma grande rejeição a sua pessoa. Eu não conseguia compreender uma palavra que dizia, praticamente não aprendi nada desta disciplina. Nos dias de avaliação, simplesmente colávamos toda a prova. Até hoje, quando tento visualizar sua imagem em minha mente, fico enjoada.

Sinceramente, quando concluímos o Magistério, éramos consideradas professoras, porém, a insegurança e a incerteza dominavam meu ser. O medo de assumir uma sala de aula e não conseguir contribuir com a formação de meus futuros alunos, ou pior, causar neles os mesmos traumas pelos quais passei.

Embora estivesse apta a exercer a docência, levaria algum tempo para tal fato acontecer.

#### **4. A ESCOLHA PELA PEDAGOGIA**

Após a conclusão do Ensino Médio, passei alguns anos sem estudar, porém, comecei a trabalhar como professora em uma escola particular. Durante o primeiro ano em que exerci a profissão de docente, percebi o quanto ainda precisava aprender, pois lidar com a vida humana, é algo muito sério. Ao olhar os pequeninos, lembrava-me da tão repudiante professora de Didática e não queria exercer tal influência negativa em meus alunos.

Foi, então, que comecei a ler, pesquisar, analisar outros métodos de ensino e sentir a necessidade de uma formação continuada, contudo, não tinha condições

financeiras para ingressar em uma universidade particular. Havia prestado vestibular, mas não alcançara a pontuação exigida para adentrar a universidade federal.

Durante o tempo em que trabalhei nesta creche, busquei apoio com colegas experientes na área que me ajudaram na busca em desenvolver uma aula produtiva. A valorizar e a explorar o lúdico, algo tão comum para criança, mas que possibilitam inúmeras formas de produzir conhecimento.

O lúdico é uma linguagem expressiva que possibilita conhecimento de si, do outro, da cultura e do mundo, sendo um espaço genuíno de aprendizagens significativas. De acordo com o pensamento de Piaget (1996), as crianças só são livres quando brincam entre si, ocasião em que criam e desenvolvem sua autonomia, sendo outra criança o melhor brinquedo didático que elas podem explorar. Complementando essa premissa com as de Vygotsky (2003), o brincar também funciona como agente de socialização, um balizador das relações humanas.

Uma vez compreendida tal importância, e passando a utilizá-la em seu cotidiano, certamente, o docente obterá sucesso em seu trabalho, alcançando seus objetivos e metas de trabalho.

Apesar de tantas inquietações, passei um bom tempo sem estudar, foi quando, em 2008, a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) passou a disponibilizar alguns cursos de graduação a distancia, dentre eles o de Pedagogia, em Polo institucionalizados no interior de Rondônia.

Vi ali a oportunidade de ingressar no tão sonhado curso superior, fiz minha inscrição e comecei a preparar-me para a prova, porém, o destino me preparava uma surpresa nada agradável. No final de semana em que seria a prova, infelizmente, meu pai veio a falecer, sendo sepultado um dia antes da avaliação. Até fui fazê-la, mas sinceramente, não tenho ideia do que escrevi naquele dia, resultado: não fui aprovada. Contudo, no ano de 2010, a UNIR ofertou outro vestibular, do qual participei e fui aprovada, estando cursando até hoje, já em fase de conclusão.

Lembro-me de nosso primeiro encontro. Na época, o professor da disciplina realizava um encontro presencial e as atividades seriam realizadas e postadas na plataforma. Todos estavam eufóricos com o início do curso, diante da possibilidade de fazer novas amizades de produzir mais conhecimento, porém, esse entusiasmo não

durou muito. Após cursarmos duas ou três disciplinas, por motivos administrativos, o curso foi suspenso por cerca de dois anos. Neste período, muitos desistiram, outros migraram para outras universidades, assim, uma turma de quase 50 alunos, hoje, conta com apenas dezoito.

O período em que ficamos sem estudar foi uma fase de muitas mudanças em minha vida, no qual precisei realizar uma cirurgia para extrair um tumor no ovário e, no mês seguinte, recebi a melhor notícia de minha vida... estava grávida. Uma gravidez que, inicialmente, necessitou de alguns cuidados, mas que, no fim, foi tranquila. Então, no dia 28 de novembro de 2012, nasceu minha princesa Mayne.

O fato de a faculdade estar parada neste período teve pontos negativos e positivos. Como no início da gravidez precisei fazer repouso, e depois com uma bebe em casa, foi bom poder me dedicar a ela, contudo, este período parada, juntamente com o lento retorno, iniciávamos uma disciplina fazendo uma atividade e depois demorávamos para concluí-la. Assim, fomos nos arrastando por alguns anos, tendo uma melhora na distribuição das disciplinas nos últimos períodos do curso.

Durante o processo de graduação, tivemos a oportunidade de vivenciar novas experiências e perspectivas em relação ao ensino. Confesso que alguns professores fizeram-me lembrar da professora chata do magistério, porém, em sua maioria, foram cordiais e contribuíram grandemente em minha formação.

Uma disciplina que marcou de forma negativa foi a de Iniciação a Estatística, onde o professor não conseguiu nos fazer compreender seus ensinamentos, o que nos deixou desesperados durante a tentativa de realizar as atividades propostas. Foi uma experiência desagradável na qual a maioria de nós não a concluiu com satisfação.

Entretanto, houve outras disciplinas que contribuíram grandemente para minha formação, que fizeram despertar questionamentos em relação à prática docente. Refletir sobre que profissional estava sendo e que visão gostaria que meus alunos tivessem de mim.

A disciplina de Fundamentos e Prática de Ensino de Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o professor Dr. Orestes Zivieri Netonos, o qual nos oportunizou visualizar diferentes metodologias fugindo da corrente tradicional - que foi a utilizada durante meu período de escolarização. Senti falta de atividades como essa

em outras disciplinas, pois, como já citei, durante nossa formação, nossos professores fizeram uso de metodologias tradicionais, o que nos leva a apresentar certa dificuldade em desenvolver atividades mais lúdicas e dentro do contexto sociocultural de nossos alunos, principalmente, em relação à disciplina que traz medo a muitos discentes.

Não há como esquecer a disciplina EJA, ministrada pelo querido professor Wendell Fiori de Faria. Além de nos oportunizar conhecer uma nova realidade, o desafio de criar uma atividade interdisciplinar com material concreto para uma turma da EJA foi gratificante.

Contudo, o mais desafiador até aqui foi realizar os estágios, inicialmente na Educação Infantil, seguindo para o Ensino Fundamental I e II e Gestão. A creche onde trabalhava vinha passando por uma mudança constante de professores, pois a Secretaria de Ensino (SEMED) estava fazendo um remanejamento de funcionários retirando das creches os professores com 40 horas e substituindo-os por professores de 25 horas. Diante desta situação, algumas professoras estavam em fase de adaptação e organização espacial do ambiente e de planejamento, o que propiciou situações de grande aprendizado, e que fez-se notório o quão importante é o planejamento escolar na vida profissional de um docente, pois, mesmo se tratando de crianças muito pequenas, elas estão ali para compartilhar e abstrair conhecimento.

Na verdade, todos os estágios realizados propiciaram momentos de reflexões acerca da conduta a ser tomada enquanto professora. Foi nesse momento que houve a percepção da necessidade de mudança, pois na busca em se tornar uma profissional que chega a escola para somar, e não bloquear o aprendizado dos alunos, havia muito que modificar. Esta experiência explicitou a importância do lúdico no cotidiano escolar, assim como a adequação do currículo à comunidade a qual a escola está inserida.

Ao brincar, a criança desperta uma imaginação criativa, apropria-se de normas e de comportamento de vida em grupo. Nesse sentido, o educador deve ter consciência das características desses aspectos na sociedade a que pertence, e conhecer as fases que caracterizam a evolução cognitiva e afetiva das crianças em relação ao brincar em diferentes concepções teóricas para poder elaborar intervenções adequadas junto ao seu grupo de trabalho. Segundo Vygotsky:

A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. O primeiro paradoxo contido no brinqueado é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinqueado, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinqueado está unido ao prazer – e ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia à ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinqueado (VYGOTSKY, 1998, p. 130).

O brincar relaciona-se ainda com a aprendizagem. Brincar é aprender; na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem. Usar na apresentação

Enfim, ao longo do período de estágios, juntamente com a experiência em sala de aula, ficou explícito o quão importante é o planejamento do professor em seu cotidiano escolar. O ato de planejar não se limita a organização de conteúdos. É preciso conhecer seus alunos, identificar em que contexto se encontram e trazer essa realidade vivenciada por eles para a prática em sala de aula, pois, sabendo que eles estão em um ambiente de ensino, deve-se ofertar-lhes atividades que os levem a construção de um novo saber através da interação com o outro compreender e ampliar sua concepção de mundo.

Paulo Freire sempre foi e deve ser considerado um dos grandes alicerces da pedagogia e, em relação à junção entre teoria e prática, ele relata que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria /Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá blá blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p.12). Assim, durante e após o processo de formação, ao exercer a docência, o professor deve estar sempre relacionando teoria e prática em busca da construção de saberes contribuintes a formação do sujeito.

Logo, podemos dizer que o professor não é uma massa que se coloca no forno (início do curso de pedagogia) e se retira pronto e acabado em algumas horas (término do curso de pedagogia). Nós, enquanto futuros professores, devemos ter a consciência de que vivemos em constante mudança, que o saber e nossas práticas de ensino não serão imutáveis. Ainda que estejamos em fase de conclusão de curso, sinto que ainda há muito a aprender.



Ao refletir sobre a trajetória acadêmica, nas disciplinas estudadas até aqui, relembrar os tempos de magistério, percebo que na maioria das disciplinas estudadas enfrentamos o mesmo questionamento no qual nos é cobrada uma prática voltada a correntes construtivistas que oportunizem aos discentes produzir um conhecimento significativo, enquanto, como alunos, vivemos uma metodologia de ensino que deveria, além de nos dar um suporte em relação à teoria, mostrar-nos um caminho, exemplos dessa prática. O curso de Pedagogia deveria rever esta questão, as disciplinas de Fundamentos e Práticas Docentes, a meu ver, deveriam propor atividades de construção de material didático, de estratégias lúdicas, pois as crianças do século XXI possuem inúmeras ferramentas tecnológicas, tornando o livro didático "sem graça".

Preparar um planejamento de aula para uma turma da EJA fazendo uso de um jogo, preparar material matemático, resgatar brincadeiras, foram alguns dos poucos exemplos práticos que recebemos para "encarar" uma sala de aula. O que é pouco para desempenhar tal papel.

Outro fator determinante para a prática docente é compreender que domínio de sala de aula não se obtém no grito, com cara feia e grosserias. Desta forma, a única coisa a ser conquistada é a antipatia dos discentes. Isso sempre me preocupou, pois sempre almejei desenvolver aulas prazerosas, onde possamos construir um saber significativo juntos.

Se, ao resgatar minhas vivências estudantis, presenciei momentos que trouxeram incômodo, certamente não os reproduzirei em sala de aula como meus alunos. Uma turma que precisa aprender a tabela da multiplicação não precisa ficar respondendo em voz alta com todos observando, basta elaborar brincadeiras que os levem a compreendê-la. Localizar-se geograficamente montando um quebra cabeça com os colegas é muito mais interessante que folhear um livro cheio de mapas. Os livros didáticos são importantes, mas não devem ser a única estratégia utilizada. É preciso lançar desafios, fazer uso pedagógico do conhecimento que cada um traz, explorando, por exemplo, um tema como "*De que forma a água chega a sua casa?*", podendo utilizá-lo em todas as disciplinas, coletando dados, construindo gráficos, comparando as semelhanças e diferenças. Assim, buscar relacionar teoria e prática, bem como conscientizar-nos de sua importância para uma aula produtiva onde a criança terá a oportunidade de trocar

experiências com os colegas e, assim, produzir um novo saber, uma nova concepção de mundo.

Hoje, há um tema relevante no ambiente escolar: a Educação Inclusiva. É preciso saber que Educação Inclusiva, nesse contexto, significa compreender, somar, trazer para perto. É propiciar a este educando experiências cognitivas. É, acima de tudo, aceitar o diferente e não só ensinar, mas aprender com ele. Werneck (1993, p. 56) diz que “evoluir é perceber que incluir não é tratar igual, pois as pessoas são diferentes! Alunos diferentes terão oportunidades diferentes, para que o ensino alcance os mesmos objetivos. Incluir é abandonar estereótipos”. Assim, é preciso ter a consciência de que o Estudante Público Alvo da Educação Especial-EPAEE não é um enfeite de sala de aula, ou uma criança que só vai à escola somente para brincar. Nessa vertente, é preciso compreender que para uma educação inclusiva é preciso abandonar preconceitos e estereótipos, assim, toda a escola deve estar preparada para as mudanças, deve ser dinâmica, com organização própria, capaz de dar respostas educativas a todos os alunos que nela estão inseridos.

É entristecedor ver algumas realidades educacionais em relação à inclusão. Muitos educadores não estão e não querem se preparar para enfrentar tal desafio, fato que leva muitos a ignorar a presença desses alunos. Ao educador, cabe o papel de possibilitar um “processo” de aprendizagem e convivência solidificados na cooperação, na atenção, na solidariedade e no sentimento de acolhimento e pertencimento a todos. Segundo Stainebak (1999), “se quisermos que cada pessoa seja um membro respeitado de nossas comunidades, não podemos separar algumas crianças de seus pares durante sua vida escolar.” Rodrigues (2006) relata que, “para atender as diferenças em sala de aula, devemos flexibilizar as práticas pedagógicas. Os objetivos e estratégias de metodologias não são inócuos...”.

Ao lermos estes autores, podemos perceber que as práticas pedagógicas não são, ou melhor, não devem ser fixas, imutáveis e, sim, pensadas conforme às necessidades dos diferentes públicos encontrados na sala de aula. Na disciplina Currículo Escolar, com o professor Wendel, tivemos a oportunidade de compreender a importância de um currículo no qual ao se referir sobre educação inclusiva enfatiza a necessidade de mudança, de repensar as relações sociais, as suas práticas pedagógicas, para que aconteça, de fato, a inclusão.

Enfim, ser professor vai além do domínio das correntes educacionais desenvolvidas ao longo da história, ou dos conteúdos específicos presentes no currículo escolar. Ser professor é ter a capacidade de compreender, de aprender e reaprender junto com seus alunos. É ser consciente de seu papel e influência na vida deles. Que este papel é propiciar aos discentes estratégias metodológicas que os levem a tornar-se sujeitos autônomos para uma sociedade democrática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todo esse processo de descobertas e aprendizagem foi de suma importância para minha formação acadêmica, construção não só profissional, como, também, pessoal. Pois me possibilitou refletir sobre a importância do papel do professor no processo de mediação do conhecimento e, ainda mais, fez-me reconhecer que o aluno é o sujeito ativo no processo da aprendizagem.

Ter o conhecimento de perspectivas de grandes nomes, como Vygotsky e Paulo Freire, dentre outros, é o princípio, o alicerce de um pedagogo. Porém, faz-se necessário relacionar, aliar o conhecimento teórico à prática de ensino. No decorrer do curso, tivemos alguns momentos que nos permitiram realizar essa correlação.

Reconhecer a relevância de uma aula planejada na qual o professor explora seu conhecimento teórico junto à prática de ensino, resultando, assim, em uma aula dinâmica e produtiva.

Todo professor deve ter a consciência de que suas atitudes em sala refletem na vida de seus alunos, portanto, levá-los a uma aula monótona e sem objetivo é podar uma etapa da vida dessas crianças, é tirar-lhes o direito de produzir e ampliar seus conhecimentos.

Ao participar deste curso, houve a possibilidade de uma experiência inédita, pois se tratava de um curso a distância. Como tudo em nossa vida, há pontos positivos e negativos, por ter um bebê em casa, a flexibilização de horário de estudo ajudou muito, porém, ao se deparar com alguma dúvida em relação ao conteúdo ou atividades propostas, era preciso ter consciência de que o professor poderia demorar a responder as indagações. Alguns demoravam muito, felizmente, foram poucos os docentes que agiram assim. De modo geral, foi uma experiência satisfatória que possibilitou inúmeros momentos de aprendizado.

Agora, com a conclusão do curso, o desafio é unir Teoria e Prática, levar a estas crianças a oportunidade de expressar o que lhe é tão corriqueiro e natural, sua imaginação a qual, muitas vezes, lhe é oprimida frente a um profissional despreparado que lhes impõem práticas inadequadas. Através de sua imaginação e criatividade, poder aprender, reformular o que fora aprendido, criando novos saberes que contribuirão para sua formação enquanto cidadão crítico.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996. 254 p.

BOURDIEU, Pierre. “**Esboço de uma teoria da prática**”. In: ORTIZ, Renato (org.) Pierre Bourdieu. São Paulo, Ática, 1994.

CRAHAY, Marcel. **Podemos lutar contra o insucesso escolar?** Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PASSEGGI, M. C. **A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação.** In: SOUZA, E. C. ABRAHÃO, M. H. M. B (Orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; EDUNEB, 2006.

RODRIGUES, D. **Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva.** In.: RODRIGUES, D (org.). Inclusão e Educação: Doze olhares sobre Educação Inclusiva. São Paulo.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, Willian. **Inclusão: um guia para educadores.** Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WERNECK, Claudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva.** Rio de Janeiro: WVA,1997.